



EU PASSARINHO

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Coordenação do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos como parte das exigências para obtenção do título de Médico (Lei 1.3270/16).

Orientadora: Prof^a Mariana de Almeida Prado Fagá

Rodrigo Alexandre Cerqueira da Silva

São Carlos - 2020

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	2
Introdução.....	3
Primeiro Ciclo.....	4
Segundo Ciclo.....	7
Terceiro Ciclo.....	9
Atividades Extracurriculares.....	12
Conclusão.....	16
Bibliografia.....	17

Agradecimentos

Agradeço a aleatoriedade da vida e as escolhas que tomei, as quais me permitiram chegar nesse ponto, nesse período. Sabe-se que quando tomamos uma opção necessariamente descartamos outras tantas, cada qual com suas alegrias e tristezas.

Não cheguei sozinho nesse instante, não tive a jornada do herói ou qualquer romantização de uma história de superação. Muito pelo contrário, tive o apoio incansável de pais que buscam mudar a realidade do filho para não ser a sua. Uma das frases que mais ecoa da minha infância é “só quero que você estude”. Bom, mãe e pai, farei isso pelo resto da vida com o maior prazer.

Penso que o mais duro desse período em si não é a metamorfose de um estudante que tenta progredir a cada ano, a cada mês, a cada dia, aliás isso é esperado. Crescer, progredir, demanda esforço, demanda quebrar a cabeça, demanda pressão, logo, exige sofrimento. Todavia, para mim o mais penoso foi ter de acompanhar de longe o crescimento de meus irmãos. Cada volta para casa, estavam maiores e com mais ideias, e eu, pouco fiz parte disso.

Uma escultura é formada por cada talho na pedra bruta. Agradeço aos mestres que me lapidaram e me proporcionaram a capacidade de continuar a arte. Não deixo nomes, mas quem foi professor(a) com todo o peso que essa profissão/estilo de vida carrega, saiba que cada palavra, cada ação empregada durante nossa convivência foi observada, criticada, incorporada e muito possivelmente será passada adiante.

Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é elaborado em acordo com as diretrizes do Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da UFSCar. A narrativa crítico-reflexiva a respeito da minha formação, está dividida em quatro capítulos: os iniciais debruçam-se sobre os três ciclos, a partir dos quais está organizada a estrutura pedagógica do curso de medicina; o quarto visa as atividades extracurriculares desenvolvidas ao longo de minha formação.

Relato esses 6 anos de medicina com um fundo de Mario Quintana. Um poeta gaúcho que em versos simples, com uma prosa fácil, consegue captar sentimentos complexos que nos acompanham durante toda a vida.

Primeiro ciclo (2015-2016)

*“Ó Mocidade, adeus! Já vai chegar a hora! Adeus, adeus...
Oh! Essa longa despedida... E sem notar que há muito ela se foi
embora, Ficamos a acenar-lhe toda a vida...”*

Mario Quintana

Após a pressão de ser um ser indefinido, pois você não é mais estudante, não é desempregado, não é empregado, mas sim um vestibulando, vem os louros da passagem para universidade. E de bônus, uma universidade federal! Longe de casa, um mundo novo, gente nova, gente estranha, cenários vívidos. A empolgação caminhava com a ansiedade e o medo da novidade, o medo de julgamentos. Ao chegar à matrícula, uma recepção calorosa, “você irá amar esse lugar”. “Você joga o que? Bora treinar”.

Quando tange o meio acadêmico, fiquei indagado com PBL, afinal ler sobre é diferente de exercer. Extensos momentos de silêncio, olhares que se desviavam, perguntas com respostas monossilábicas. Assim se deram os primeiros encontros das situações-problemas, estação de simulação e reflexão da prática. Afirmando que muitos dos profissionais do primeiro ciclo buscaram traquejos para dinamizar as reuniões, porém tiveram um grande, profundo e infeliz fracasso. Um exemplo é o uso de targetas coladas na lousa para aproximarmos hipóteses sobre o que é saúde. Pense em uma hora que demora 3-4 horas para passar. Ao final de cada reunião temos a avaliação da atividade. No exemplo dado, a opinião da maioria foi dita como uma atividade satisfatória, porém relatei que achei um prejuízo no meu tempo e um insulto para nossa inteligência. Após a saída da reunião outros colegas comentaram que também não tinham suportado a atividade, mas por manter as aparências mantiveram o decoro de atividade adequada.

O primeiro ano para mim foi marcado como 2 facetas: muito tempo livre e “aprenda a conversar”. Cada atividade era longe uma da outra, dias da semana que eram livres na verdade são chamados de AAD (aprendizagem autodirigida), teoricamente AAD é para você estar na biblioteca ou em casa com livros e artigos, porém até você aprender o que significa a sigla AAD, você consome seu tempo se instalando em São Carlos, adaptando sua realidade - seja fechando contrato de

aluguel, seja instalando internet ou mesmo indo atrás de documentos básicos para poder se fixar nessa cidade. O uso de finais de semana foi voltado para conhecer gente ou voltar para a casa de origem.

Quando escrevo “aprenda a conversar” instantaneamente tenho a lembrança do professor Claudemir, na primeira estação de simulação, solicitando-me fazer uma visita domiciliar e colher a história de vida da pessoa que atendesse (no caso, era um ator, cujo personagem chamava-se Pedro). Lembro-me que engasguei, gaguejei, fiz uma visita de 5 minutos. Logo após a atividade prática, o professor perguntou “quem é Pedro?”. Respondi que era um rapaz de 17 anos que estava visitando o irmão que faz faculdade em São Carlos (ou Florealva), possivelmente gente boa. Na sequência, ele me indagou sobre quantos rapazes chamados Pedro podem estar visitando o irmão que faz faculdade fora. E continuou, “Quem é Pedro? Aliás, quem é você?”

Poxa, eu todo entusiasmado com a universidade, primeiranista, não consegui responder. Soco no estômago. Essas perguntas ficaram ressoando na mente por um bom período, meses talvez... Quem sou eu? O que faz eu ser eu? O que é “eu” em essência? Pois, um rapaz - há vários; um rapaz estudante de medicina - há vários; um rapaz estudante de medicina que veio de SP - idem. E fui aumentando essa resposta sem chegar na essência do ser. Se eu não sabia nem quem era eu, como saberia quem seria Pedro?

Nunca foi tão assertiva o aforismo do oráculo de Delfo em tempos de Sócrates há mais de 2400 anos: *conhece-te a ti mesmo*. Cada encontro da estação de simulação foi para nos conhecermos, para aprendermos ouvir, indagar, entender a que realidade o meu interlocutor está imposto. Discutimos temas como liberdade, tirania, amor (vale ressaltar que foi dito que a maior mentira do amor é o amor de mãe para com um filho). E como todos esses processos envolvem o processo de saúde e doença. Para mim, foi uma das minhas âncoras de permanecer no curso. Temas discutidos que me davam alegria em ir para universidade, totalmente de contraponto com a prática profissional em especial a reflexão da prática, ministrada por uma professora sem dotes para a docência, mesmo sendo PBL!

No segundo ano já estava mais adaptado à São Carlos, menos voltas a São Paulo, descobri um pouco mais a universidade, mais gente de outros cursos, teatro, festas – afaste-se de gente da medicina – projeto Risoolis.

As cobranças e o mundo da medicina em si começam a aumentar. Todas as siglas já fazem sentido. AAD tem que ser boa para RP, SP e ES, ir bem na AD e não esquecer de escolher um lugar bom para ACC. E, se quiser se dar bem, faça IC.

É o primeiro ano que fazemos estágio. Conhecer outro serviço, outra visão de medicina. Fizemos um grupo e fomos a Santos- estágio de clínica médica e serviço de verificação de óbito. Lembro-me ainda do primeiro corpo, um homem chamado Leandro, meia idade, tinha as pernas atrofiadas, faleceu devido a causa cardíaca. A impressão que tive foi de estar olhando um homem dormir tranquilamente, quem sabe até enxerguei o tórax se mexer.

Foi um estágio muito bom, ótimos patologistas, ótimos clínicos. Talvez ali tenha nascido o germe para um possível caminho na cardiologia. Esse estágio me fez perceber o quão ruim a medicina UFSCar é em anatomia. Deveria ser obrigatório ou vinculado passarmos no laboratório de anatomia da UFSCar, diminuir as burocracias, incentivar os alunos e colocar o morfofuncional como uma posição de suporte e não como centro.

Outro destaque do segundo ano foi o Professor Felipe (infecologista). Toda minha admiração a esse homem que tem uma didática impressionante, e até mesmo na atual situação de me formar não há como não o lembrar quando realizo um exame físico. Foram as primeiras vezes que pudemos usar um estetoscópio, e isso é marcante para quem entrou nesse curso.

A vivência no segundo ano foi sistematizando um esquema estrutural da medicina UFSCar para mim: ATLÉTICA – os narizes empinados, menos empáticos, os deuses da medicina. CAMSA – os corretos, deuses da política, os sofreadores das causas sociais. E os MEIOS, quem gosta ou não de festas, praticar um esporte, as vezes se envolve com alguma causa da atlética ou do Camsa, as vezes não, ligas acadêmicas, só quer se formar. Encaixo-me nos MEIOS.

Hoje, na iminência de finalizar o curso, penso que o maior erro nessa trajetória se deu no segundo ano: pedir para fazer iniciação científica com a professora Débora Gusmão Melo, a pessoa que tive o maior arrependimento e desprazer de ter conhecido nesses 6 anos.

Segundo ciclo (2017-2018)

“A arte de viver é simplesmente a arte de conviver... simplesmente, disse eu? Mas como é difícil!”

Mario Quintana

Como esse estilo de TCC permite ser uma narrativa, tenho o papel livre para manifestar as marcas da minha graduação. Digo que, certamente o que marcou meu segundo ciclo foi realizar uma IC. Comentarei mais a fundo posteriormente, porém, abordo agora a visão geral desse segundo ciclo.

Há muita empolgação para o terceiro ano, tinha acabado de passar o ano passado inteiro aprendendo os porquês do exame físico, o que pensar quando encontro uma alteração. Almejava ver isso na prática, e assim foi. As estações de Saúde do Adulto e Idoso e Saúde da Mulher foram realizadas na UBS Botafogo com docentes e preceptores que fomentaram o crescimento da prática e compreensão do processo saúde-doença no indivíduo. Prof^a Andreia de Luca, prof^a Fernanda Caligari e os preceptores Afonso (“Massa”), Valter Fausto, obrigado. Considero nós alunos como esponjas, logo qualquer fala, trejeito ou conduta nos é captado e incorporado.

Muitas práticas, encontros semanais, SP, ES, RP, atividades de extensão, esportes, festas, política, tornavam-se, então, rotina. Penso que no terceiro ano é quando você passa a enxergar um pouco mais como pode ser o resto da sua vida profissional. A forma de enxergar a saúde da mulher, saúde de medicina de família e comunidade, entre outros, muda conforme o amadurecimento no meio. Além, claro, de estágio eletiva que permite você conhecer outros cenários.

Uma das vantagens do curso é você observar na prática a ação dos seus professores. Tenho uma memória vívida da prof.^a Mariana Fagá colocando em prática o Cuidado Centrado na Pessoa, feito com dignidade, paixão e respeito com o paciente. Quando o tema é lido a visão é uma, quando é praticado é outra. Para mim, equivale a ensinar alguém a andar de bicicleta por teoria e depois colocar essa pessoa sobre

uma bicicleta. O paciente Emerson, com diagnósticos psiquiátricos prévios, entendeu “sozinho” a razão de sentir seu sangue sujo e como resolver tal problema.

É um período em que o universo da medicina é expandido. Não há somente cadeiras básicas. Descobri a existência da medicina do trabalho, medicina do esporte, medicina nuclear, medicina indígena. Quantas mais será que existem?

Essa época me fez tomar a primeira grande decisão de um estudante de medicina: clínica ou cirurgia? Certamente clínica. Meu perfil orna mais com essa área, a arte de conversar, a arte de cuidar muitas vezes através da palavra, a arte de medicar e não medicar. Como escutei por diversas vezes da prof.^a Amélia: Medicina é uma arte.

No segundo ciclo tive ainda a oportunidade de realizar monitoria na maternidade segundo os cuidados do professor Humberto. Foram vários dias e finais de semana acompanhando a rotina de serviço na maternidade. É engraçado enxergar o método de cada um trabalhando. Observei condutas corretas, cordialidades, condutas incorretas e crimes. É curioso ver mais de uma pessoa capacitada fazer os tempos de Leopold, relatar apresentação cefálica e ter um desfecho logo em seguida de cesárea por apresentação pélvica.

O que mais marcou para mim é a diferença na recuperação de uma mulher com parto vaginal e uma mulher com cesárea. O rosto da mulher com parto vaginal instantaneamente ressuscita à saída do RN, os olhos caídos se erguem, a orientação volta ao normal, como se nada tivesse se sucedido. Enquanto as submetidas à cesárea demoram dias para você sentir que normalizaram.

É um local de muito erro se comparado com a literatura, porém com bons desfechos e histórias interessantes. Lembro que uma vez escutei que cerca de 15% dos pais da maternidade não são pais consanguíneos dos RN. Histórias de casais tendo relação sexual nos quartos, histórias socias de extrema vulnerabilidade, história de mutilação médica, entre tantas outras.

Quem está no 4º ano sugiro fortemente passar por essa experiência. Porque, além de tudo, você já fica situado quando chegar o internato.

O Terceiro Ciclo - Internato (2019-2020)

*São os passos que fazem os caminhos.
Mario Quintana*

O quinto ano da graduação se iniciou pelo estágio de pediatria. Um estágio dividido entre HU e Santa Casa, onde no primeiro vimos basicamente infecções do trato respiratório, enquanto no segundo abordamos neonatologia.

A verdade é que sentia satisfação em trabalhar com a neonatologia. Estar em um ambiente, onde você percebe profissionais capacitados, equipe coesa, professores inspiradores e atualizados junto com a quebra da rotina dos 4 anos anteriores, levou-me a uma sensação de gratificação enorme.

Foi o estágio com a carga horária mais densa, aulas atrás de aulas, noites mal dormidas. A grande valia desse estágio foi observar efetivamente o tema estudado na prática. Poder discutir condutas com os preceptores, atualizações e práticas da experiência de cada um enriqueceram a minha vivência prática.

O estágio seguinte foi a cadeira de ginecologia e obstetrícia. Não é uma matéria da minha mais alta estima, porém a prática é deveras emocionante, até que você se acostume.

Desse estágio o que vale deixar registrado é: a literatura tem muita discordância e, muito do que é lido, do que é o atual não é utilizado na prática médica. Por exemplo, é preconizado que se evite indicar às gestantes os puxos dirigidos. Enquanto na prática, as parturientes são obrigadas a fazer o puxo, e em algumas vezes, com modos não tão amigáveis assim.

Terminada a Obstetrícia, iniciei o estágio mais intenso e mais esperado por mim de toda graduação. A Clínica Médica. Foi realizado integralmente no Hospital Universitário da UFSCar, o que permitiu uma série de aspectos muito positivos: equipe multiprofissional qualificada e extremamente receptiva aos estudantes, preceptores médicos qualificados e muito didáticos, presença diária dos docentes e excelente interação com os residentes – peguei a primeira turma com os residentes do HU.

Apesar de ser a área em que mais me identifico tenho a sensação de ser a que menos domino. Pediatria e G.O. são matérias cumulativas e a frequência de casos e temas estudados parecem uma espiral construtivista. Já a sensação de clínica médica para mim, é algo diferenciado, pois literalmente cada caso é um caso. Mesmo que tenha um quadro comum de fundo, cada caso é único. A complexidade é extremamente variável e isso me tira completamente da zona de conforto. Quando penso nas duas outras cadeiras, sinto que se fizesse residência na área, vendo conceitos, suportes e tratamentos repetidos quase que praticamente 24h, não há como ser imperito na área. Todavia, em clínica médica, mesmo com docentes e professores com currículos estratosféricos, excelente nível de experiência, cada caso é um caso, e muitas vezes para um é “A” e para outro profissional é “B”, e isso me dá medo. Talvez por isso prestarei essa área.

Na sequência fizemos o estágio de Cirurgia. Nessa área o que vale ser escrito para ser perpetuado pela minha vivência é: estágio intenso, muita autonomia é dada, principalmente no atendimento de emergência. Enquanto se trata de âmbito teórico, sinto que a UFSCar é bem fraca quando comparada com outras faculdades. Foram 7 semanas esperando acabar.

O último estágio é denominado SFC + SMental + SColetiva. Passei o estágio na USF Jardim São Carlos – localizada praticamente no centro da cidade. Lá, tive muitas vivências intensas, casos de violência contra a mulher, maltrato de idosos, drogaditos, os “especiais” conhecidos de algum político, casos de d. terminais, vivência em oficina em casas de prostituição, entre tantos outros aspectos. Não entendo quando alguém uso a expressão “ah você é somente um médico de postinho!” com tom depreciativo. Para exercer tal função com esmero deve-se ter muita habilidade médica, social e jurídica. O tato com o ser humano necessita ser mais aguçado se comparado com um médico de porta de hospital.

A equipe é o centro do cuidado. Onde fiquei percebi 3 tipos de perfil:

a) Funcionárias a muito tempo, fazem o mínimo possível do seu trabalho. Adoram ficar no celular.

b) Funcionárias com tempo relativamente curto de casa, mas desempenham seu papel com qualidade, buscam cumprir o que lhe é proposto e se limitam a isso.

c) Funcionárias recém-chegadas, querem mostrar seu lugar, dão ideias, empolgadas.

O que os três perfis têm em comum: são excelentes com a pontualidade do horário de saída. Penso que o problema não está nos perfis, mas sim o porquê deles terem sido desenvolvidos.

A prática de saúde mental foi realizada na Unidade de Saúde e Escola (USE - UFSCar), fazíamos consultas acompanhadas de profissionais da psicologia e terapia ocupacional. É uma área com histórias interessantíssimas, porém de cunho psicossocial denso. Houve grande mérito do docente Jair de como se manejar uma consulta psiquiátrica.

A prática de saúde coletiva ficará em branco, pois sinto que é assim que ela passou.

O sexto ano é inédito mundialmente. Fomos tocados pela Sars-CoV 2. Iniciei no estágio de G.O., após 4 semanas a notícia de uma epidemia global fez a Terra parar, como na música de Raul Seixas. Ficamos em latência por alguns meses, seguido da entrada no programa federal “Brasil Conta Comigo” realizado no HU. Após muitas reuniões e discussões e reuniões e discussões e mais reuniões e mais discussões, foi acertado a volta do internato em 31 de agosto de 2020. Ficou acordado que a ação federal equivalerá como horas da clínica médica e ambulatórios. Portanto temos 3 estágios (Pediatria, G.O. e Cirurgia) divididos em 5 semanas cada. Além disso, a formatura somente será possível se ao término desses estágios a portaria ordenada no início do ano com a possibilidade de conclusão de curso com 75% da completude estiver em vigor.

Até o momento da confecção desse TCC, sinto que tive um estágio de pediatria bem proveitoso na medida do possível. Houve um número reduzido de pacientes, dado o isolamento social. Rodamos em cenários da UCIN, UTI neo, UTI pediátrica, ambulatórios via telemedicina e muitas aulas por encontros virtuais. Destaco o empenho da docente Esther, uma mulher que é fonte de inspiração e seriedade com o trabalho. Sabe impor e adquirir respeito das pessoas a sua volta.

Atualmente estou na semana final do estágio da G.O.. Temos tomado medidas de segurança. Nos dois estágios nos foi oferecido máscaras (cirúrgicas e N95), luvas, faceshield. Há todo um suporte para o aluno se estabelecer e poder desfrutar do estágio. A vivência tem sido bem semelhante se comparada a do início do ano. Enfermaria de gestante patológicas, PP/CO, aulas, algumas rotinas. A diferença é que fazemos tudo isso com máscara.

O grande ponto do internato da medicina UFSCar é colocar o estudante na prática e permitir sua autonomia, com supervisão e debate de literatura. Isso torna além de um preparo para as provas de residência, um preparo para a iminente prática médica.

Um dos docentes me disse uma vez que quando nos formamos, saímos com um martelo na caixa de ferramentas, e com a experiência vamos adquirindo serrote, alicate e outros dispositivos. Penso que quando saio da medicina UFSCar, além do meu martelo, fui capacitado para achar minhas demais ferramentas.

As atividades extra curriculares

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho
Eles passarão...
Eu passarinho!
Mario Quintana*

Iniciação Científica

Descrevo a iniciação científica como minha pior experiência no curso. Escolhi a pessoa errada para me orientar e com isso morreu um projeto de cientista. Diversos E-mails às duas da madrugada, exigência de padrões de doutorado em que está em uma iniciação; a primeira vez na vida que tive uma crise de ansiedade: acordei com taquicardia, sensação de aperto no peito, falta de ar, tremor, por minutos que pareciam horas.

Minha vida inteira até aqui, trabalhei, fui exigido, cobrado, já engoli muito desaforo de patrão. Porém a falta de humanização, de respeito, com xingamentos de “vai tomar no seu cu” “vai pra puta que pariu” do seu orientador foi a gota. Fiz de tudo para acabar o mais rápido o possível a partir do momento em que se acabou o respeito. Todo aquele discurso de “sou de esquerda, temos que olhar quem está a nossa volta”, “só a educação salva” cai por terra quando você passa por essa situação. Uma bolsa FAPESP não valeu essa parcela da minha saúde. “Se me ver na rua não me dê nem oi”. Claro, por que daria? Por que não denunciei? Por que não levei essa situação até o CAMSA?

Porque quando você se vê envolvido nisso, você só quer não ter mais contato com isso, não quer seu nome, não quer seus esforços, sua mente, nada, zero vínculos.

Penso que quando fazemos uma iniciação em qualquer área de qualquer matéria é comum ter erros, é comum ter conflitos, atrasos ou desentendimentos. A forma de solucioná-los não pode passar o respeito como ser humano. A IC foi um dos momentos que mais me senti humilhado, não por não saber alguma coisa, mas pela forma de tratamento. Acho triste conversar com outros orientados por essa que se diz professora e eles contarem como agora percebem o quão abusivo foi fazer a IC.

Eletivas

Para concluirmos a graduação, do 2º ao último ano devemos pagar 200h/ano de estágio eletivo – equivale a 5 semanas de atividade (40h/sem) – em algum serviço que seja de nossa escolha e que nos aceite.

Tradicionalmente, como somos P.B.L. e temos relativamente pouca matéria sobre anatomia e histologia, a primeira eletiva foi realizada no hospital Guilherme Álvaro, em Santos, no serviço de verificação de óbito (SVO) e clínica médica – 3 semanas no primeiro, 2 semanas no segundo.

Foi meu primeiro contato com corpos de pessoas mortas a pouco tempo – estimado em 6 a 12h. Lembro do primeiro corpo como dito no início desse TCC, Leandro, meia idade, paraplégico. Tive a sensação que ele estava dormindo, parecia até que seu tórax expandia. Penso que para um estudante de medicina passar por essa etapa é essencial visto que são imagens, cheiros, consistências inesquecíveis. Não dar para ter essas experiências EaD.

Na clínica médica desse serviço passei em ambulatórios de cardiologia, pneumologia, geriatria, endocrinologia, reumatologia entre outros. São profissionais, histórias com alegrias e tristezas, das quais você filtra e escolhe o que considerar em decisões futuras.

Para ficar essas 5 semanas em Santos, nos reuníamos em 10 estudantes, alugamos um apartamento de 2 quartos. Para os próximos que fizerem esse movimento... boa sorte... pois é algo construtivo e desgastante ao mesmo tempo.

Nos outros anos para diminuir gastos decidi realizar todas as eletivas na Santa Casa de São Carlos. Revezei entre as áreas de pediatria, clínica médica, cirurgia, oncologia, UTI e cardiologia. Como é um serviço que passamos rotineiramente já estava mais familiarizado com o *modus operandi*. A vantagem de ser a Santa Casa de São Carlos é que esse hospital é referência da região. E, por ser referência – perdendo somente para o H.C. de RP – há uma complexidade de casos maior se comparado ao H.U.

Cada eletiva realizada ajudou-me a entender como é a rotina médica do especialista, como funciona um serviço com suas benéfices e seus problemas. Fez enxergar as poucas semelhanças e as grandes diferenças entre o livro e a realidade.

Ligas

Fiz parte da liga de cardiologia, infectologia, ortopedia, neurologia, medicina no esporte, além de assistir e participar de atividades de outras ligas.

São grupos nos quais você pode ter mais contato com a área que você acha que tem a ver com você.

Lembro de entrar em cirurgia ortopédica às 3h da madrugada estando em um plantão da liga que compreendia o horário das 19-23h. E isso foi enriquecedor.

Fui diretor da liga de infectologia, promovemos provas para novos ligantes, palestras, aulas, acompanhamento de casos no CAIC.

Extras

-ESPORTES

Não quis ser um membro ativo da atlética da medicina. Achei o pessoal da atlética meio bitolado com essa história de atlética, tradição, hierarquia, etc. Cheguei a ser sócio, treinar um futsal, mas nada muito constante.

Chega uma hora em que parece que você é aluno da medicina, e não aluno da UFSCar – por isso decidi treinar pela UFSCar. Joguei rugby por algum tempo. Esporte novo, nem conhecia as regras, o pessoal foi extremamente acolhedor. Tínhamos treinos peculiares. Exemplo: ficar empurrando carro nas ruas próximo ao cerrado.

-TEATRO

Tive a oportunidade de participar de aulas teatrais em 2 ocasiões: teatro do oprimido (à luz da obra de Augusto Boal) e o Teatro OROBOROS. Foram atividades que fazem você perceber a quão grande e diversificada é a UFSCar. O quanto de gente tem desejos parecidos, e quanto as pessoas buscam a arte pela arte.

Trouxeram-me ajuda no momento mais difícil da minha graduação. Cada 1h ou 2h que ficava nessas atividades não sentia ansiedade, não sentia medo, não sentia cobrança, somente sentia a arte de viver aquele momento.

-RISOOOLIS

Havia um programa de extensão que se envolvia com o meio social denominado Risoolis. Tínhamos aulas onde estimulavam que preparássemos nossos clowns. O Objetivo era realizar intervenções em lares de idosos, hospitais, colégios, centros de crianças com síndrome de Down e onde mais precisasse. Para título de comparação é “semelhante” aos famosos doutores da Alegria. Foi um momento na graduação que trouxe muita satisfação pessoal. Gostei tanto que cheguei a ser diretor desse projeto social.

Ser aluno da UFSCar permitiu conhecer novas pessoas, novas ideias, esportes novos, realidades novas. Há expansão realidade em todos seus âmbitos, entendimento da sua parcela na sociedade. Em um primeiro momento, isso ofusca, gera medo, gera até acovardamento, todavia depois do medo e da saída da zona de conforto você acha um pedacinho de felicidade.

Conclusão

Apesar de inúmeros problemas estruturais e pessoais apontados no texto, sinto-me imensamente gratificado por concluir o curso de medicina na UFSCar. Essa universidade me proporcionou um crescimento pessoal que tem tamanha significância para mim que chega a ser difícil descrever.

A arte de conversar, a humanização do cuidado, a autonomia para busca ativa de conhecimento de qualidade, integram o currículo desse curso, e, penso que, para os desafios da medicina atual, são habilidades deveras requisitadas para o mínimo de um profissional que toca outras vidas.

Foram três ciclos com alegrias e tristezas, e uma epidemia mundial para encerrar. Estamos em um momento de transição, o ineditismo e incertezas da vida nos acompanharão, principalmente nessa fase inicial.

Aqui o fim é somente o começo.

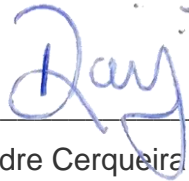
Bibliografia consultada

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. **Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal**: versão resumida. Brasília, 2017.
<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf.> Acesso em: 03 Novembro de 2020.

AVALIAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso segue as diretrizes estabelecidas pelo Projeto Pedagógico do Curso de Medicina vigente, e recebe o conceito SATISFATÓRIO.

Conceito mediante sistema eletrônico vigente no ano 2020 (PRE)
Prof.^a Mariana de Almeida Prado Fagá (Orientadora Pedagógica)



Rodrigo Alexandre Cerqueira da Silva (Orientado)

São Carlos, 12/11/2020